

## OS SETE DIAS DA NARRAÇÃO

Antonio Rodrigues BELON (UFMS)

*Meu tio Roseno, a cavalo*,<sup>1</sup> de Wilson Bueno, elabora de modo inusitado o artesanato de sua linguagem. Um andamento próximo do coloquial e do regional, funde numa matéria nova o português, o espanhol e o guarani, num processo de alta tensão estética. Na região fronteira entre Paraná, Mato Grosso do Sul e Paraguai, delinea-se o espaço onde ocorre o percurso, a cavalo, do protagonista. O narrador pensa e fala por neologismos, inclusive, no tratamento afetivo dispensado ao nome do protagonista, Roseno, que é chamado Rosevago, Rosevéu, Rosenente, Rosalvo, entre outros. A sua memória do tio é o seu tesouro, expresso de maneira singular e inovadora em seu vocabulário.

As variações sobre o mesmo nome enfatizam as repetições constantes de expressões por todo o corpo da obra, numa tensão permanente entre os contrastes e as retomadas. Inúmeras vezes aparece *meu tio* após o nome do protagonista.

Todos esses elementos permitem a construção de uma prosa nas fronteiras do lírico. O narrador, sobrinho do protagonista, dá um ar de fábula à história ao dizer que ela se passa no desvão dos tempos.

Torna-se fácil pensar que em *Meu Tio Roseno, a cavalo*, a narrativa acaba criando um mundo mágico e simbólico. Desde o seu começo, quando se conta que Roseno montou o cavalo Brioso para realizar uma viagem em menos de sete dias para Ribeirão do Pinhal.

Nas fronteiras da lírica, as repetições e os contrastes na linguagem, fazem emergir o poético. Mas no eixo narrativo de *Meu tio Roseno, a cavalo*, o processamento poético é cíclico. Sete dias e seis entre-céus é a duração da travessia. O sol e a lua na sua movimentação cíclica, assim como a viagem, as duas coisas recolocam velhos símbolos da vida. A vida e a morte em três fases: o erotismo, a guerreira e da assombração.<sup>ii</sup> Escancara-se o tom mítico da novela de Wilson Bueno.

Na sua trajetória a cavalo, Roseno defronta-se com um índio desafiador que não acredita na força das armas de fogo. Numa região conflituosa, a de Paranaíba, espanta-se o protagonista. Exibindo os seus dotes bélicos, a sua competência no manejo das armas de fogo, o oponente se desmancha em cortesias. Acaba por levar o protagonista ao interior de sua tribo. Roseno conhece uma jovem índia, criança, com quem passa a noite, vindo ela a perder a virgindade.

No dia seguinte o chefe quer que ele se case com a pequena índia. Obriga-se a usar o seu revólver. Não bastaram tiros no chão, comicamente, colocou, de modo estranho, a mão do selvagem na arma para convencê-lo de sua saída. Assim alcança a permissão de partida.

No seu segundo dia de viagem, em meio ao clima fantasmagórico da noite, chega a um local em que havia os restos mortais de combatentes, ossadas e mais ossadas dispostas num quadro infernal. A morte vinha no bojo da Guerra do Paranaíba. Inscreve-se na trajetória do protagonista.

No final do terceiro dia, quando pára, viajando depois de uma noite de pesadelos, resolve ver um circo. Decepciona-se ao descobrir a farsa da mulher barbada. Briga num bar com dois soldados atrevidos. Vence a luta. Descobre em todos os

momentos do espetáculo circense o seu caráter de farsa. O protagonista, risivelmente, fica irritado e vai embora.

Uma *viagem* nas memórias da infância do protagonista marca o seu quarto dia, a cavalo. A presença marcante da avó, feiticeira, é um dos objetos centrais de suas recordações. Recordar-se ainda dos irmãos e não se esquece, em momento algum, da amada, com quem viveu inúmeros momentos de gozo. Além disso, vem em sua mente uma enxurrada de acontecimentos ligados à guerra, a violência, os assassinatos, os seus primeiros trabalhos, o seu ofício de capador de galos, a sua paixão pelas brigas entre esses galináceos, um conjunto de uma força torrencial flui pela sua memória. O tempo psicológico e o fluxo de consciência dominam.

A luta pela sobrevivência acaba em guerra. Nesse momento da narrativa ocorre numa enorme e ameaçadora proximidade da morte. Disseminam-se atrocidades, elementos anunciadores do clima final da novela. Tudo é permitido e feito em nome da guerra.

O mais assustador de todos os dias em sua atmosfera é o quinto. Um encontro casual com um sujeito extremamente magro desdobra-se num clima de sombras. A personagem foge de Aruanã em virtude da perseguição popular a um suposto lobisomem responsabilizado por muitas desgraças na cidade. Todos os desdentados eram suspeitos e objeto da fúria da população.

Ao chegar à cidade, o clima de terror tornou a sua permanência ali frustrante, pois em decorrência dele não aconteciam as famosas brigas de galo naquela localidade. O assunto geral, em todos os lugares onde as pessoas se encontravam era o lobisomem. O protagonista descreveu a personagem de sua visão e os seus ouvintes identificaram

Luis Arnaldo. No diálogo mais e mais histórias fantásticas nascem. Um dos forasteiros ri, sempre escondendo os dentes, sem que Roseno perceba o cacoete.

Depois da conversação Roseno vai para o seu quarto, o de número 13. Acorda no meio da noite. Vai ao banheiro coletivo da hospedaria, com um toco de vela na mão. Por uma fresta ouve o resfolegar de um cavalo, justamente o de Luís Arnaldo. Na sua *visão*, o cavalo tinha inúmeras asas. Vê o cavalo voar, retorna ao seu quarto transtornado pelo susto.

O sono de Roseno foi interrompido pela gritaria dos vizinhos. Ocorria lá fora uma perseguição ao lobisomem. A cena pungente é “digna de figurar numa antologia sobre a morte dos animais na literatura”.<sup>iii</sup> (NUNES) O lobo sofre um massacre pelos moradores. A decepção de Roseno pela ausência das rinhas de galo soma-se ao desagradável do massacre e ele resolve, irrevogavelmente, deixar Aruanã. No caminho, para sua admiração, encontra o desdentado Luís Arnaldo retornando à cidade. Recebe a informação de que o lobisomem era o forasteiro que tanto escondia a falta de dentes.

*Está terminando o seu prazo de deslocamento.*

O Brioso parece sentir o momento, cavalga mais rápido, nervoso. O clímax da novela, somando amor, guerra e assombração, o medo da morte, adquire a sua configuração. Vai tomando forma no final, o pressentimento do protagonista, principalmente quando vê urubus sobrevoando a região. Corre desesperadamente para o rancho onde devia estar Dorói.

Encontra a casa abandonada e crivada de balas. Sua fúria e desespero se descarregam atirando para todas as direções. Derruba de uma árvore a negra Nhô, que ali se havia escondido. Na situação de extrema tensão, consegue arrancar da empregada

informações por demais dolorosas: Dorói ainda não havia dado a luz, mas tinha sido levada dali para a Guerra do Paranavaí.

E assim encerra-se a novela, com o amanhecer do sétimo dia. Num anticlímax, pois o que acontece no final já havia sido anunciado em elementos disseminados pelo texto, mas que o leitor acaba ignorando por criar uma expectativa em outra direção.

### BIBLIOGRAFIA

BUENO, W. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: 34, 2000.

LEITE, L.C.M. *O foco narrativo: (ou A polêmica em torno da ilusão)*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Princípios, 4)

NUNES, B. Abas. In: BUENO, W. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: 34, 2000.

REIS, C.R. e LOPES, A.C.M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos, 29)

---

<sup>i</sup> BUENO, W. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: 34, 2000.

<sup>ii</sup> NUNES, B. Abas. In: BUENO, W. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: 34, 2000.

<sup>iii</sup> NUNES, B. *idem*.